

# O SUJEITO DESEJA PORQUE É INCOMPLETO

Entre suas múltiplas atividades, a psicanalista **Lucília Maria Abrahão e Sousa** estuda a Psicanálise de Lacan, as principais interpretações em relação ao tempo e as intersecções entre linguagem e psiquismo

Por: Lucas Vasques/ Fotos: Divulgação

**E** estudar o discurso, seu alcance, e delimitar as relações com a Psicanálise de Lacan, além de discutir quais são as principais interpretações de tempo, intersecções entre linguagem e o psiquismo, são algumas das múltiplas atividades da psicanalista Lucília Maria Abrahão e Sousa. Para encontrar a forte ligação entre linguagem e psiquismo ela vai buscar, nas ações de Freud, o contato com as chamadas “histéricas”.

“Ele percebeu que algo retornava e se repetia, palavras inteiras ou pedaços delas, fragmentos de sons, restos da memória dessas mulheres, palavras esquecidas, que não poderiam retornar, apagadas por um curto circuito. Quando se tocava nesses pontos, algo do sintoma se agudizava ou se dissolvia, como que (des)encantado pela força da palavra”, explica.

Com graduação em Letras, formação em Linguística e doutorado em Psicologia, a professora se dedica à formação em Psicanálise no Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo. Lucília, ao lado de Lauro José Siqueira Baldini, coordenou a organização do livro *Discurso e Sujeito: Trama de*

*Significantes*, lançado recentemente pela EdUFSCar, editora da Universidade Federal de São Carlos.

Inquieta, mergulha, entre seus objetos de estudo, no aprofundamento da obra de Clarice Lispector e procura suas relações com os mais íntimos sentimentos humanos e com a morte, características marcantes da literatura da autora. “Clarice consegue tatear o traço conturbado do humano, derivado do fato de ele ser sempre estrangeiro em sua própria terra, um ser de lonjuras em cada atualização da trama. Sua obra coloca em narrativa os acidentes de pequenez no cotidiano, que fazem falar o traço provisório das certezas, o estranhamento diante do familiar e a opacidade dos sentimentos que movem os personagens. E que nos movem também”, revela.

Atualmente, Lucília é docente, com dedicação exclusiva, da Universidade de São Paulo, onde dá aulas e orienta alunos de graduação, mestrado, doutorado e supervisiona pós-doutorado. É especialista em Análise do Discurso, atua, principalmente, na investigação de materialidades discursivas ligadas a temas como memória, mídia, questão agrária, textualidade digital e leitura. É, também, escritora e documentarista.



VOCÊ FOI UMA DAS ORGANIZADORAS DO LIVRO *DISCURSO E SUJEITO: TRAMA DE SIGNIFICANTES*, NO QUAL PESQUISADORES ANALISAM AS RELAÇÕES ENTRE DISCURSO E SUJEITO, A PARTIR DAS REFERÊNCIAS DA ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA E DA PSICANÁLISE LACANIANA. EM SUA OPINIÃO, QUAIS SÃO ESSES PONTOS DE INTERSECÇÃO ENTRE AS DUAS ÁREAS?

**LUCÍLIA:** Ambos os campos trabalham com um ponto em comum: a incompletude da linguagem, ou seja, a assertiva de que nunca se diz tudo. Em outros termos, há sempre uma borda de indizível ou de impossível dizer, com a qual o falante tem de lidar o tempo todo em sua inscrição como ser de linguagem. Porque algo não se completa como todo e uno na língua, abre-se a possibilidade de continuar a falar e a criar um pouco mais, produzem-se brechas para que o sujeito continue o seu percurso de giros e movimentos com as palavras.

O QUE UNE E, TAMBÉM, O QUE SEPARA A ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA E A PSICANÁLISE DE LEITURA LACANIANA?

**LUCÍLIA:** Vale registrar que, embora o postulado da incompletude da linguagem e do real da língua aproxime os dois campos, cada um tem seu referencial, metodologia e dispositivo, muito específicos e singulares. A Análise do Discu-

### *A Análise do Discurso francesa tem por objetivo investigar o funcionamento da linguagem, em sua espessura histórica e ideológica, a partir das posições que o sujeito ocupa em um dado momento*

so francesa tem por objetivo investigar o funcionamento da linguagem, em sua espessura histórica e ideológica, a partir das posições que o sujeito ocupa em um dado momento. Por exemplo, quando um sujeito enuncia a palavra terra, ele pode fazê-lo assumindo a posição de dono de propriedades rurais ou de militante dos movimentos de luta pela reforma agrária. Mais ainda, pode tomar terra a partir do lugar do ambientalista, do índio, do agrimensur, do engenheiro, do exilado, do refugiado de guerra, dentre outras tantas posições. Para fazê-lo, inscreve-se na língua e na história e produz materialidades que interessam ao analista do discurso. Já na Psicanálise de leitura lacaniana, o dispositivo se propõe a escutar e flagrar os modos de o sujeito se inscrever entre os significantes que produz, seu desejo, seus modos de gozo. O divã e o *setting* analítico são espaços privilegiados para a emergência da singularidade do sujeito falante com os paradoxos, as hesitações, as idas e vindas de palavras e de enunciados que

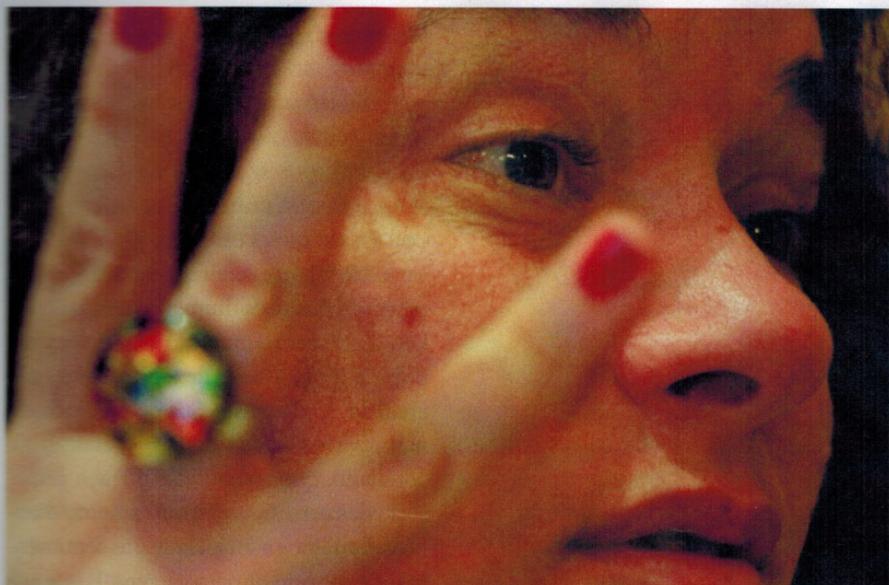
isso implica. Por isso, reclamam uma travessia de análise, que vai além da escuta de um enunciado, mas que se produz na ciranda de vários deles em diferentes tempos do sujeito.

QUAIS AS LIGAÇÕES INTRÍNSECAS ENTRE A LINGUAGEM E O PSIQUISMO DO SER HUMANO?

**LUCÍLIA:** A ligação interessante e de imensa potência entre linguagem e psiquismo foi tateada, inicialmente, por Freud no contato com as “histéricas”. Ele percebeu que algo retornava e várias vezes se repetia, palavras inteiras ou pedaços delas, fragmentos de sons, restos da memória de dizeres da história dessas mulheres, enunciados ditos por outros que vinham envelopados como verdade, palavras esquecidas por completo, que não poderiam retornar, apagadas por um curto circuito, o qual ele foi escutando com refino. Quando se tocava nesses pontos, algo do sintoma se agudizava ou se dissolvia, como que (des)encantado pela força da palavra. Na verdade, Freud escutou aquilo que no corpo das mulheres se fazia carne de palavra, por dizer ou por impossível dizer; e a invenção da Psicanálise data desse encontro em que a linguagem é fundante da constituição subjetiva de um corpo falante. Tomando o verso da canção *A Terceira Margem do Rio* (parceria de Milton Nascimento e Caetano Veloso), o psicanalista se sustenta na posição de escuta da “Asa da palavra, asa parada agora/Casa da palavra, onde o silêncio mora/Brasa da palavra, a hora clara (...)”.

*DAS DING*, CONCEITO EXTRAÍDO DO TEXTO FREUDIANO “PROJETO PARA UMA PSICOLOGIA CIENTÍFICA”, SE RESUME COMO A LÓGICA DA ORIGEM OU “É O PRODUTO DA





**OPERAÇÃO DA LINGUAGEM SOBRE O REAL DO VIVENTE, RESTANDO AO SUJEITO, APENAS, UM FURO, EM TORNO DO QUAL O SEU PSIQUISMO É ESTRUTURADO”. ISSO TUDO, DEPOIS, FOI REDEFINIDO POR LACAN. O QUE SERIA ESSE FURO E EM QUE MOMENTO O CONCEITO DE *Das Ding* SE ENCONTRA COM OS DISCURSOS NA CONTEMPORANEIDADE?**

**LUCÍLIA:** Vejo dois percursos para responder essa pergunta. Vamos ao primeiro: há um desencontro estrutural entre o homem e a linguagem, entre o sujeito e a palavra dada pelo descompasso entre o grito do bebê e a resposta de quem cuida dele. É Freud quem observa isso. Por exemplo, quando o *infans* chora, alguém responde a isso, em geral a mãe ou a figura que ocupa a função materna. São tecidas explicações de toda sorte: “é fome”, “está doente”, “é calor”, “está com medo”, “se assustou” são algumas frases que já escutamos. No entanto, nenhuma dessas respostas tem garantia de corresponder, exatamente, ao que o bebê está sentindo no momento do seu choro ou grito. Deriva disso um desencontro em que a palavra não acerta no alvo, e essa será uma marca com o qual o falante terá de se haver pela vida afora. Essa não correspondência (ou, em outros termos, essa ausência, solidão, incompletude) é o furo estruturante, a partir da qual o sujeito vai se posicionar e vai poder falar

e desejar. Agora tocando a sua pergunta no que diz respeito à contemporaneidade, vivemos um tempo marcado por algumas ilusões, que tornam evidentes os ideários de completude sem limite e de totalidade dos acessos, dos consumos e dos prazeres. Apenas a título de exemplo, podemos pensar no suposto empoderamento, dado pelas tecnologias, que faz parecer natural a conexão em tempo real, o contato com o mundo inteiro sem limites, a vida no fluxo contínuo sem pausa, o acesso a todas as informações em todos os lugares. Nesses termos, não se colocam a falta, a impossibilidade, o desencontro de que Freud nos falou. Assim, o furo fica escamoteado e, com ele, o espaço que move o sujeito a desejar.

**A LÓGICA DA ORIGEM TEM RELAÇÃO DIRETA COM A INCOMPLETUDE DO SER HUMANO E COMO ELE LIDA COM O OUTRO? A MEDIAÇÃO DO OUTRO É INDISPENSÁVEL PARA A PERCEPÇÃO OU PARA RENOVAR A EXPERIÊNCIA DE SATISFAÇÃO DE CADA UM?**

**LUCÍLIA:** O Outro nos constitui sempre, esse Outro da linguagem, verdadeiro celeiro de palavras, nas quais nos ancoramos para poder enunciar. Não poderíamos enunciar uma só palavra sem considerar que todas elas (as palavras) nos foram ditas antes, em algum lugar, por outrem. Essa foi uma das grandes percepções de

*Embora o postulado da incompletude da linguagem e do real da língua aproxime a Análise do Discurso francesa da Psicanálise de Lacan, cada uma tem seu referencial, metodologia e dispositivo, muito específicos e singulares*

Freud que Lacan levou à radicalidade de seu ensino: o sujeito é em/entre palavras, o falante precisa de uma ancoragem em significantes, que lhe são exteriores e anteriores, para poder tomar parte na linguagem. Sem Ele, não há sujeito.

**É POSSÍVEL A CONVIVÊNCIA DA ETERNA INCOMPLETUDE DO SER HUMANO COM A REALIZAÇÃO DE SEUS DESEJOS?**

**LUCÍLIA:** Justamente porque é incompleto (e sempre será) e porque algo se coloca como ausência, o sujeito fala e pode desejar, colocando-se em movimento para continuar sua busca por um objeto que o complete. Busca inglória e permanente, que não se cumpre como uma realização absoluta, mas que se dá a ver como deslocamento constante nas/entre as palavras.

**POR QUE VOCÊ AFIRMA QUE “FREUD E LACAN FORAM LANÇADOS À RADICALIDADE DO VAZIO, CADA QUAL À SUA MODA E A SEU TEMPO”? ALIÁS, PODE DEFINIR O QUE É ESSE VAZIO?**

**LUCÍLIA:** Ambos tiveram contato na clínica (e na posição de médico, pai, analista) com a precariedade do humano e com situações em que a palavra não alcançava a plenitude ou a agudez da realidade psíquica. Tiveram sensibilidade



*As tecnologias fazem parecer natural a conexão em tempo real, o contato com mundo inteiro sem limites, a vida no fluxo contínuo sem pausa, o acesso a todas as informações em todos os lugares. Nesses termos, não se colocam a falta, a impossibilidade, o desencontro de que Freud nos falou*

para tatear isso com o reconhecimento de que há algo inominável e inalcançável em nossa estrutura.

**COMO É POSSÍVEL O SUJEITO PERDER ALGO SEM NUNCA TER TIDO, COMO VOCÊ ACENTUOU EM UM DE SEUS ARTIGOS? TEM A VER COM O VAZIO, O OCO?**

**LUCÍLIA:** No início da constituição de qualquer sujeito há um banho de linguagem, digamos que uma submersão em palavras e sons sem sentido, que se somam, alternam e tagarelam, em torno do bebê, sem que ele nada fale nem entenda. Essas marcas são dadas pela mãe e pelos cuidadores, que recebem esse corpo precário e frágil e vão estabelecendo bordas e contornos com falas, exclamações e atribuições de significados. Tudo isso é uma estufa sonora muito fecunda e necessária, na qual o sujeito irá se amparar para tomar a palavra. Quando falante, o sujeito tem de se haver com esse Oco de sentido, que, desde sempre, insiste e que irá permanecer como tal. Daí por diante, não será possível dizer tudo, nomear tudo, encantar-se com a inteireza do mundo; será sempre em partes e com pedaços que o sujeito irá se haver.

**A PROPÓSITO, COMO LIDAR COM AS PERDAS?**

**Lucília:** Não há uma receita a ser dada, igualmente, para todos. Cada um vai lidar com a perda a partir das palavrinhas que tem em seu banco de dados, a partir da sua inscrição como sujeito de linguagem. É no um a um que se podem escutar os efeitos da perda, da incompletude e dos ganhos construídos a partir disso.

**EM OUTRO DE SEUS TEXTOS, VOCÊ FALA EM CARÊNCIA SIGNIFICANTE PRIMORDIAL NAS PSICOSES. PODE EXPLICAR O QUE QUIS DIZER COM A AFIRMAÇÃO?**

**LUCÍLIA:** Freud tateou o que Lacan conseguiu formalizar em um longo estudo sobre as psicoses: há uma carência significativa fundadora em toda psicose. Isso não quer dizer que o psicótico não possa falar, sonhar etc. Não, ele o faz, mas invadido, sem ter a mínima condição de fazer barra ao Outro. Vejamos. A entrada do sujeito na linguagem estrutura-se a partir do significante do Nome-do-Pai, responsável por fundar uma barra no Outro. Dito de outro modo, a linguagem é incompleta, opaca e equívoca e não nos dá garantia de inteireza. Com ela estamos bem acompanhados, é certo, mas nada assegura a plenitude no campo da linguagem. Essa condição de castração organiza a estrutura da neurose, o que permite situar certo modo de orientação da falta e do desejo. O recalque oferece certo conforto, e o sujeito neurótico fala a partir daí. Na psicose, isso não opera. Ou seja, o Nome-do-Pai não opera a barra no Outro e o psicótico fica como um naufrago ao sabor do mar, que, para ele, é sem fim, como uma testemunha a céu aberto do Outro sem limites. A palavra *lhe* é exterior e entra como uma ordem. Indicação disso são os delírios e as alucinações em que o psicótico ouve vozes dando ordens a ele. Esse Outro, sem borda e sem limite, invade, assola e ordena, deixando o psicótico sem aquilo que o poderia frear ou limitar, restando sem o controle de suas palavras e atos. Sem, ao menos, a ilusão de controle deles.

**VOCÊ DISSE UMA VEZ QUE SE LACAN TIVESSE CONHECIDO A OBRA DE CLARICE LISPECTOR, TAMBÉM OBJETO DE SEUS ESTUDOS, “SERIA ARREBATADO PELO VAREJO DE PEQUENEZAS, QUE SE SOMAM A CADA QUADRO LITERÁRIO QUE ELA PINTA”. POR QUE CHEGOU A ESSA CONCLUSÃO?**

**LUCÍLIA:** Clarice consegue tatear o traço conturbado do humano, derivado do fato de ele ser sempre estrangeiro em sua própria terra, um ser de lonjuras em cada atualização da trama. Sua obra coloca em narrativa os acidentes de pequenez no cotidiano, que fazem falar o traço provisorio das certezas, o estranhamento diante do familiar e a opacidade dos sentimentos que movem os personagens. E que nos movem também.

**SEGUNDO LACAN, O REAL É O REGISTRO QUE DIZ RESPEITO AO IMPOSSÍVEL, AO INCABÍVEL EM PALAVRAS, AO INOMINÁVEL, E QUE TEM RELAÇÃO COM A OBRA DE CLARICE. QUAL SERIA ESSA RELAÇÃO?**

**LUCÍLIA:** Não apenas com a obra de Clarice, mas com o fazer literário e artístico em geral. A criação é um dos modos de dar borda ao impossível dizer, ao que não conseguimos colocar em palavras. Justamente porque nos faltam palavras para denominar o mundo e os sentimentos, a criação acontece como uma aposta em algo que não se sabe como é, o que é, de que modo se constitui. Muitos artistas e escritores não conseguem explicar sua obra e seus mecanismos de composição justamente por isso. Dito de modo poético, “o que não tem governo nem nunca terá”, trecho da letra da canção *O que Será (À flor da terra)*, de Chico Buarque.

**VOCÊ TAMBÉM CITA FREUD AO ANALISAR A TRAJETÓRIA LITERÁRIA DA AUTORA. QUAIS OS CAMINHOS CONVERGENTES ENTRE AMBOS?**

**LUCÍLIA:** Freud teve interesse constante pelas artes, literatura e dramaturgia. Mais de uma vez recorre a personagens da ficção e obras de artistas para fazer avançar sua teoria, sentença que artistas e escritores estão às voltas com o inconsciente e

que os analistas devem aprender com eles. No caso das obras de Clarice, o enigma está posto de saída e se mantém como tal ao longo das tramas, enfeixado por contradições e indagações sem resposta. Os personagens vivem submersos no labirinto de si mesmos, envoltos em uma atmosfera de opacidade, que coloca em movimento um modo delicado de bordejar o vazio.

**NA ANÁLISE DE *UM SOPRO DE VIDA* (LIVRO CONCLUÍDO ÀS VÉSPERAS DA MORTE DE CLARICE), VOCÊ ENCONTRA PARALELOS COM O SIGNIFICANTE DA MORTE. PODE APROFUNDAR A RELAÇÃO EXISTENTE ENTRE ESSE CONCEITO E A OBRA DA AUTORA?**

**LUCÍLIA:** Significante perdido para sempre, assim Lacan define o significante da morte. Não é raro, diante da perda de alguém, ouvirmos o jargão “não tenho palavras”, “não há o que dizer”, “as palavras faltam”. Nesse texto, Clarice, debilitada pela doença, escreve (e, em alguns momentos, dita o que deve ser escrito) um caderno de reflexões, em que a morte passa a ser indagada, em que o tempo comparece como questão e em que a escrita redefine-se. A vida é um sopro, um resto do que a morte ainda não teceu, um pouco de tempo, com o qual a narradora faz seu percurso, esbarrando na esfera do inominável. “O que sinto é intraduzível. Eu me expresso melhor pelo silêncio”, escreve.

**EM SUA AVALIAÇÃO, A NARRATIVA DE CLARICE NÃO TEM DESFECHO, EMBORA *UM SOPRO DE VIDA* DESTAQUE O HORROR DIANTE DA MORTE, A MAIS DEFINITIVA DAS SITUAÇÕES. ISSO REPRESENTA UMA MUDANÇA NA NARRATIVA DA AUTORA NO MOMENTO MAIS PRÓXIMO DE SUA MORTE?**

**LUCÍLIA:** Muitas histórias preciosas da literatura não têm um desfecho nos termos clássicos formais e continuam a produzir efeitos de continuidade, mesmo depois do último ponto final. É nesses termos que Clarice inventa a autora, Ângela, e a si mesma. Sem um início, sem um fim. A reflexão sobre a escrita e a (im)possibilidade da palavra fazem com que essa obra colo-



*Não há uma receita a ser dada, igualmente, para todos. Cada um vai lidar com a perda a partir das palavrinhas que tem em seu banco de dados, a partir da sua inscrição como sujeito de linguagem. É no um a um que se podem escutar os efeitos da perda, da incompletude e dos ganhos construídos a partir disso*

que tanto autor quanto narrador e leitor na berlinda: algo nela aponta o indizível, manifesta uma escrita do impossível e coloca o incontornável da linguagem em jogo. Diante do desamparo da vida (agora apenas um sopro), da proximidade da morte e do horror do inominável, a luz da criação surge como uma aposta. Continuar a dizer, continuar a escrever, continuar a colocar-se em palavras, mesmo sabendo que tudo isso esbarre no limite de não suportar o precário do humano e da vida.

**FALANDO SOBRE O TEMPO, COMO DEFINE A TEORIA DO TEMPO LÓGICO DE LACAN NESTA ERA CONTEMPORÂNEA?**

**LUCÍLIA:** O tempo, para Lacan, não é dado pelo calendário, mas diz respeito ao tempo de dizer do sujeito, tempo dos movimentos de repetir e de se deslocar por entre certas palavras, tempo de se ancorar no mesmo dos enunciados solidificados

para vê-los fluidificar. Trata-se do tempo do sujeito em sua inscrição significativa, o que aponta, também, para um tempo de escuta, de ruminação da palavra, de gastá-la nas voltas da análise, de pensar sobre ela, de se deixar ser afetado por ela e de fazer com ela novos arranjos. A contemporaneidade estabelece uma relação diferente com o tempo, qual seja, o tempo do agora, do on-line, do flash instantâneo, abarrotado de atualizações, excesso de dados e consumo. Vivemos o gerúndio expandido, o que significa dizer que as tecnologias de comunicação e informação criam essa ilusão de tempo sem pausa e sem corte para a digestão de todo esse excesso. O corte desse fluxo sem freio é sempre necessário para que algo se produza na relação do sujeito consigo, com seu tempo, com suas escolhas. Pelo exposto, temos dois tempos distintos, para não dizer conflitantes.